

JANE'S WALK

Cartografia da hospitalidade

Celma Paese¹
Carlla Volpatto²
Cassya Netto Vargas³
Dandara Copetti⁴
Gabriela Ferreira Mariano⁵
Lizandra Machado Moreira⁶

O grupo do Projeto de Pesquisa Cartografia da Hospitalidade foi convidado a participar do evento mundial Jane's Walk, estreando em Porto Alegre por meio de iniciativa do TransLAB.URB, um grupo transdisciplinar que pratica o urbanismo contemporâneo através de ações de inovação social urbana se utilizando para isso de ferramentas tecnológicas, tecnologias sociais e conexão com arte e ativismo com foco na capital Porto Alegre.

Jane's Walk trata-se de uma série de caminhadas coletivas inspiradas na ativista e escritora Jane Jacobs, nascida nos Estados Unidos da América, e mundialmente conhecida por seu livro *Morte e vida das grandes cidades*. Os *Jane's Walks* são realizados anualmente durante o primeiro final de semana de maio, coincidindo com o

1 É Arquiteta e Urbanista (Uniritter/1985), Doutora (2016) e Mestre (2006) em Arquitetura pelo PROPARG/UFRRGS. Atualmente é Pós-Doutoranda PNPD CAPES no PPGAU Mestrado associado Uniritter/Mackenzie onde desenvolve dentro da linha de pesquisa Projeto e Construções Culturais a pesquisa Cartografia da Hospitalidade. Foi professora convidada no Mestrado em Desenho Urbano e de Paisagem da Faculdade de Arquitetura da TU Wien, em Viena, Áustria (2014), e no Mestrado do LAC-Laboratório Arte Ceviche da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma 3, em Roma, Itália (2013) e no Laboratório de Urbanismo Contemporâneo do PROGRAU FAURB-UFPEL (2013). Foi professora da FAU da Universidade de Santa Cruz do Sul e da FAU URI, em Santo Ângelo. Participa dos grupos de pesquisa do CNPQ: Arquitetura, Derrida e aproximações, do Prof. Fernando Fuão (PROPARG UFRRGS) e da Prof. Dirce Solis (PPGFIL UERJ) e Cidade+Contemporaneidade, do Prof. Eduardo Rocha (PROGRAU UFPEL). Relaciona sua experiência de pesquisa e prática em Arquitetura e Urbanismo com a vivência estética da cidade e suas arquiteturas construindo representações cartográficas multidisciplinares contaminadas pelas Artes e a Filosofia. E-mail: celmapaese@gmail.com

2 É arquiteta e urbanista (Uniritter/2015). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura do Uniritter/Mackenzie, bolsista CAPES e pesquisadora voluntária no Projeto Young Energy - Energia Solar e Inclusão Social. Estuda os processos de construção da memória da cidade e de suas manifestações arquitetônicas através do projeto e das construções culturais. E-mail: carllavolpatto@gmail.com

3 É arquiteta e urbanista (Uniritter/2015). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura do Uniritter/Mackenzie, bolsista CAPES. Estuda as implicações formais e programáticas do projeto de arquitetura e urbanismo, voltado para o estudo das moradias modernas e contemporâneas. E-mail: cassyanvargas@gmail.com

4 É arquiteta e urbanista (Puc-Rs/2016), Mestranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura do Uniritter/Mackenzie, bolsista CAPES. Estuda os métodos, processos e sistemas compositivos aplicados na arquitetura residencial contemporânea. Investiga sobre os modelos operativos do exercício projetual e as relações teórico-práticas do projeto, com sentido na construção do conhecimento profissional. E-mail: dcopetti@hotmail.com

5 É arquiteta e urbanista (Uniritter/2004), pesquisadora pelo Programa de Doutorado em Arquitetura da UIC. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura do Uniritter/Mackenzie. Estuda as relações culturais entre indivíduo e espaço e, quais são os elementos que podem influenciar na percepção e na configuração projetual. E-mail: gbmariano@gmail.com

6 É arquiteta e urbanista (Puc-Rs/2014), Mestranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura do Uniritter/Mackenzie, bolsista CAPES. Estuda os signos de monumentalidade e domesticidade no contexto urbano; das relações entre programa e tipologias no projeto da moradia contemporânea. E-mail: lizandrasmoreira@gmail.com



dia do seu aniversário.

A 2ª Semana TransLAB.URB + 1ª *Jane's Walk* Porto Alegre, é a segunda edição da semana de atividades ligada a temas do urbanismo, onde foi desenvolvido 15 atividades, 12 delas abordando as mais diversas propostas de caminhadas. Incluindo a proposta aqui destacada do grupo.

A ação cartográfica proposta e desenvolvida pelo grupo Cartografia da Hospitalidade, além das pesquisadoras, contou com a presença de pessoas de diferentes idades, áreas de atuação e até mesmo cidades distintas. Conforme pode ser visto na imagem do percurso, o grupo percorreu a borda entre Bela Vista e Petrópolis configurada pela Av. Nilópolis e entorno, passando por duas praças: Praça Carlos Simão Arnt – mais conhecida como Praça da Encol – e a Praça André Forster.

Ao longo da errância, as pessoas debateram sobre questões urbanas e sociais: história do desenvolvimento da região, segurança das ruas, a partir de afirmações encontradas no livro da autora homenageada.

No debate final entre os caminhantes, concluiu-se que ações coletivas como a desenvolvida só tem acrescentar para o indivíduo que participa, pois leva esse a acolher e refletir sobre a cidade que habita. Da mesma forma, em caráter coletivo, permite não só a disseminação de saberes como também a aproximação e troca entre diferentes pessoas em prol da cidade incentivando futuras práticas para o melhor desenvolvimento da mesma.

A seguir mostramos algumas imagens da ação cartográfica em homenagem a Jane e as relacionamos com frases utilizadas durante o percurso:



As cidades apresentam preocupações econômicas e sociais muito mais complicadas do que o trânsito de automóveis. Como saber que solução dar ao trânsito antes de saber como funciona a própria cidade e de que mais ela necessita nas ruas? É impossível.

A aparência das coisas e o modo como funcionam estão inseparavelmente unidos, e muito mais nas cidades do que em qualquer outro lugar. Porém, quem está interessado apenas em como uma cidade “deveria” parecer e desinteressado de como funciona ficará desapontado com este livro.

Para compreender o desempenho dos parques é também necessário descartar a falsa convicção de que eles são capazes de estabilizar o valor de bens imóveis ou funcionar como âncoras da comunidade. Os parques, por si sós, não são nada e menos ainda elementos efêmeros de estabilização de bens ou de sua vizinhança ou distrito.



A cidade pertence a todos. “As cidades têm a capacidade de fornecer algo para todos, apenas porque, e somente quando, elas são criadas para o mundo inteiro”.

O louvor da rua. “As ruas e calçadas, os principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais, o que vem à mente quando se pensa em uma cidade, suas ruas, quando as ruas de uma cidade oferecem interesse, toda a cidade oferece interesse, quando eles apresentam um aspecto triste, toda a cidade parece triste”.



Ruas frequentadas, ruas seguras. “Uma rua movimentada tem o potencial de ser uma rua segura, uma rua pouco movimentada é provavelmente uma rua insegura (...) Deve haver sempre olhos que olham para a rua, olhos pertencentes a pessoas que poderiam ser consideradas donos de ruas naturais (...) A segurança da rua é maior, mais descontraída e com menos tinturas de hostilidade ou suspeita justamente onde as pessoas usam e aproveitam as ruas da cidade de forma voluntária e estão menos conscientes, em geral, que estão assistindo”.



O balé da calçada. “Mas não uma precisão de dança e uniforme que todos levantar a perna enquanto gira em unísono, e depois reverenciar massa, mas na forma de um ballet emaranhado em que cada um dos dançarinos e Conjuntos manifestam claramente seus elementos distintivos, que, como milagrosamente, dão um ao outro vigor e densidade, compondo juntos um conjunto harmonioso e ordenado. O balé das calçadas de uma cidade nunca se repete em nenhum lugar, isto é, não repete a representação como em um passeio; Mesmo em um mesmo lugar, a performance é repleta de improvisações”.



Confiança. “A confiança nas ruas de uma cidade é construída ao longo do tempo através de muitos, pequenos contatos públicos nas calçadas ... a maioria deles é ostensivamente trivial, mas sua soma não é trivial”.



A beleza do caos. “A mistura complexa de diferentes aplicações (urbanas) nas cidades não são uma forma de caos. Pelo contrário, representam uma forma altamente desenvolvido e complexo de ordem”.



... E a feiúra da ordem. “Superficialmente, essa monotonia poderia ser considerada uma espécie de ordem, embora sem graça. Mas esteticamente, infelizmente, também traz consigo uma espécie de desordem, de não ter direção. Em um lugar marcado pela monotonia e pela repetição da similaridade, a pessoa se move, mas parece não chegar a lugar nenhum. Precisamos de diferenças para nos orientar”.



Contra o planejamento urbano. “Não há lógica que possa ser imposta à cidade, as pessoas fazem isso, e é para ela, não para os prédios, que precisamos adaptar nossos planos.”



Sobre os carros. “Carros são muitas vezes rotulados convenientemente como os vilões responsáveis pelos males das cidades e desilusão e futilidade de planejamento urbano. Mas o efeito destrutivo dos carros é muito menos uma causa do que um sintoma da nossa incompetência em edificar a cidade”.



Precursor de “pessoas assistindo”. “Ninguém gosta de sentar em um banco e olhando pela janela para uma rua vazia. Eu acho que quase ninguém faz tal coisa. Mas há muitas pessoas que se divertem observando a atividade de uma rua, e depois, a partir de uma janela ou na calçada”.



Parques urbanos:
Mesmo que o vazio não seja atingido por várias espécies de praga, ele exerce pouca atração devido ao número restrito de frequentadores potenciais”.



“Se for bem localizado, qualquer parque de bairro pode tirar proveito de seus trunfos, mas pode também desperdiçá-los. É óbvio que um lugar q lembre um pátio de prisão não vai atrair frequentadores, nem interagir com a vizinhança, do mesmo modo que um lugar que lembre um oásis. Contudo, também existem vários tipos de oásis e algumas de suas importantes características não são tão óbvias”.



“Os parques mais problemáticos localizam-se exatamente nos locais onde as pessoas não passam e provavelmente nunca vão passar. Um parque urbano nessa situação agravada (porque nesses casos é uma desvantagem) por um terreno de bom tamanho, encontra-se, comparativamente na mesma situação que uma loja enorme num local comercialmente ruim”.



“Quanto mais a cidade conseguir mesclar a diversidade de usos e usuários dia-a-dia nas ruas, mais a população conseguirá animar e sustentar com sucesso e naturalidade (e também economicamente) os parques bem localizados, que assim poderão dar em troca à vizinhança prazer e alegria em vez de sensação de vazio”.



“Um parque de bairro genérico, que esteja preso a qualquer tipo de inércia funcional de seu entorno, fica inexoravelmente vazio por boa parte do dia. E ai estabelece um ciclo vicioso. Mesmo que o vazio não seja atingido por várias espécies de praga, ele exerce pouca atração devido ao número restrito de frequentadores potenciais”.



“Espera-se muito dos parques urbanos. Longe de transformar qualquer virtude inerente ao entorno, longe de promover as vizinhanças automaticamente, os próprios parques de bairro é que são direta e drasticamente, os próprios parques de bairro é que são direta e drasticamente afetados pela maneira como a vizinhança neles interfere”.